

Pessoas ou Ciência? Uma Questão filosófica - Legado de Rogers

Introdução:

- Trata-se de mais texto, a princípio, desprezioso para Rogers e que tinha a função organizar esferas contrastantes da atuação de Rogers
- 1953 - Fase reflexiva - desenvolvimento teórico e produção científica.
- O texto de Rogers remete-nos à organização que Figueiredo faz a respeito das matrizes do pensamento psi.
 - Estas matrizes dizem respeito às condições de possibilidade da própria psicologia
 - "(...) de um lado, o caráter supostamente pré e anticientífico do sujeito, somado ao caráter pré e antissocial do indivíduo privado, de outro lado, a necessidade de submeter a vida interior a leis, descobrindo nelas regularidades que possibilitem o controle e a coloquem a serviço do domínio técnico da natureza e da reprodução social." (FIGUEIREDO, 2003, p 22)
 - Ambiguidade inerente ao olhar psicológico e o objeto da psicologia
 - Figueiredo aponta que as Psicologias ficarão em uma gradação incerta entre dois eixos:
 - de um lado, uma ciência que não consegue ser psicologia, do outro, uma psicologia que não consegue ser ciência.
- Esta tensão se organizará a partir do que Figueiredo chama de Matrizes, de um lado, as científicas, do outro, as românticas.
 - Figueiredo situa Rogers dentre das Matrizes românticas vitalistas
 - Matriz vitalista e naturalista
 - Comportam elementos que foram excluídos nas matrizes científicas
 - Permanece uma dicotomia Sujeito/mundo
 - Experiencialistas
 - Mas ele não teria falhado em perceber o lugar científica da pesquisa Rogeriana? Não haveria, a partir do pragmatismo, uma vinculação a matriz científica Funcionalista
 - Matriz Funcionalista e organicista
 - Causalidade funcional
 - Os efeitos do comportamento também fundamentam-no
 - Resgate da noção de valor e significado

- **Esta tensão, que merece ser mantida, resguarda a própria condição estrangeira da subjetividade ao pensamento epistêmico.**
- Figueira, inusitadamente, poderia encontrar Rogers quando este diz que devemos preocuparmos, então, mais com uma postura ética do que com a questão epistemológico, propriamente.

"será que tudo isso não aponta para o fato de que a ética é uma instância mais básica do que a ciência? Não sou cego para o valor da ciência como ferramenta, e estou ciente de que pode ser uma ferramenta muito valiosa. Mas, a menos que seja a ferramenta de pessoas éticas, com tudo o que o termo pessoa implica, não poderia tornar-se um objeto de devoção cega?"
(ROGERS, 2004, p. 131)

Esta tensão se expressa em Rogers a partir das figuras do Terapeuta (experientialista) e o Cientista.

Terapeuta/Experientialista (Romantismo)	Cientista (Cientificismo)
Abertura a experiência imediata do encontro com a pessoa	Explicação objetiva do fenômeno
despe-se das teorias	relações de causalidade (previsão e intervenção)
relação terapêutica	formulação de hipóteses
saber pré-simbólico (afetivo, não racional)	Regas e teorias que fomentem o avanço do conhecimento

A tensão

(Tomando emprestado o quadro feito por [Paulo Castelo Branco](#) - Para o Evento do Legado de Rogers).

Questões do experientialista	Questões do cientista
O outro tem uma realidade que lhe é própria e relevante, porque lhe faz sentido.	Múltiplas realidades geram confusão e dispersão

<p>Abordar o outro como pessoa, e não objeto, implica em saber se a minha teoria, explicação hipótese diagnóstica, postura e trato fazem sentido ou não para ele. O foco maior está na relação e no que acontece nela.</p>	<p>Abordagem vivencial dificulta aprendizagens e operacionalizações (técnicas) universais e gerais.</p>
<p>Preocupa-se em não manipular/direcionar o outro naquilo que eu quero que ele seja, pense ou faça. O poder de decisão e orientação está no outro. Eu o acompanho demarcando a sua experiência.</p>	<p>Uma vez descoberta as causas de algo, pode-se prever os seus efeitos e seus elementos correlacionais. Isso ajuda a prevenir comportamentos de risco e a controlar suas emergências e reincidências.</p>
<p>Isso implica em uma maior abertura à experiência, naquilo que ela me apresenta e pode me deslocar do lugar de saber,</p>	<p>Contudo, isso implica em um fechamento da experiência e de outras realidades, incorrendo em uma impaciência para buscar algo fora dessa universalidade.</p>

Para quê Resolver a Questão, Rogers?

- Rogers, após apresentar a tensão provocada deste encontro, passa a oferecer uma possível conciliação;
- Questiona a dimensão de "controle social" envolvida no conhecimento científico.
- A conciliação me parece que vai na direção daquilo que veio a ser as pesquisas qualitativas construcionista, porém, encontra limites importantes ainda a serem desenvolvidos:
 - Para superá-los cabe pensar o que Gonzales Rey (2002) traz sobre a pesquisa quali e sua virada epistemológica:
 - O conhecimento é uma produção construtiva interpretativa (pouco ou nada)
 - Caráter interativo do processo de produção do conhecimento (em parte)
 - Significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento (ok)
 - O erro
 - complexidade

- A conciliação segue a linha de todo o desenvolvimento teórico de Rogers
 - da terapia para a ciência
- Inclusive, vale destacar, parece assumir uma premissa liberal, semelhante a que vimos em "O conceito de pessoa em funcionamento pleno"
 - abertura a experiência
 - o método aparece como a capacidade de tentar absorver e dar conta de todos os elementos e estímulos vividos pelo cientista.
 - Onde está o lugar do erro aí? do conflito?
- Rogers não conserva, aqui, ainda uma cisão sujeito/objeto, ainda pendendo para o sujeito, como se faz nas matrizes românticas?
- Em termos de pesquisa, vemos dentro do fazer acadêmico rogeriano e centrado na pessoa uma efetivação do que Rogers propõe?
-